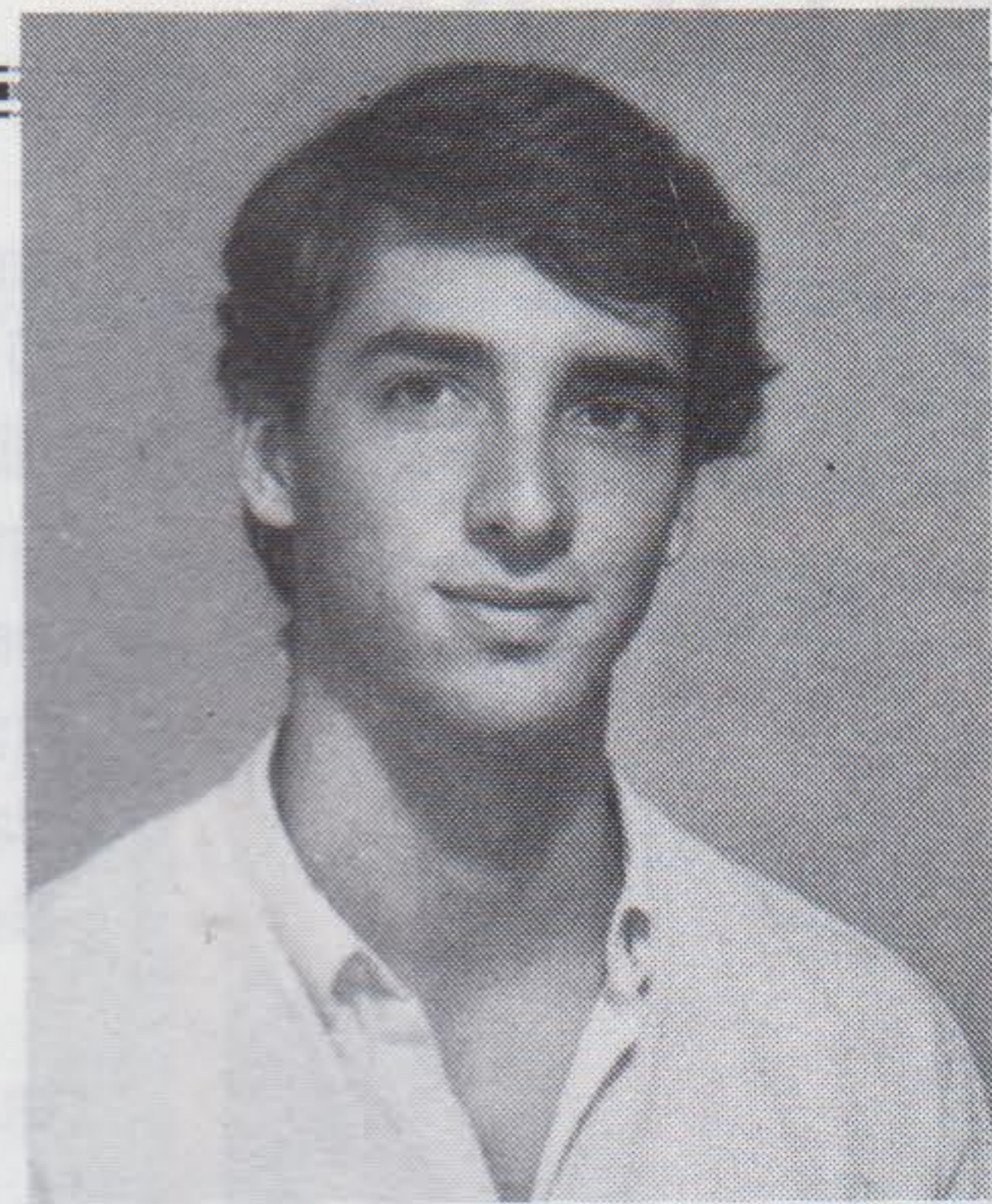


E depois já era

António Pedro Graça



Figueirinha, Cabeça de Vaca, Clarines são casos de abandono e solidão. Algures no interior algarvio, longe de tudo e de todos, uma população envelhecida, privada das mais elementares comodidades, teima em remar contra o desespero. A taxa de suicídios quase duplica a média nacional. O álcool, a conversa em torno de um copo é por vezes a única chama de alegria, o aglutinador de uma geração perdida no arrastar dos dias serranos.

Poderíamos começar por aqui esta nossa breve conversa sobre o álcool. Ou então sobre os dados estatísticos que referem que 38% dos nossos adolescentes urbanos bebem regularmente cerveja, 11% vinho e 8%...bebidas alcoólicas.

E se uma geração bebe porque sempre bebeu, porque os pais produziam e bebiam, porque os homens com H maiúsculo bebiam, a outra bebe mas principalmente embebida-se. E as bebedeiras de fim-de-semana à moda comunitária provocam o descalabro nas taxas de sinistralidade rodoviária.

Até aqui nada de novo. Todos nós sabemos os recordes que possuímos de cirrose hepática, acidentes de trabalho provocados pelo álcool, síndrome alcoólico fetal, alcoolismo...

E o que temos feito para acabar com este drama?

Aqui fica um exemplo:

Nos anos 80 a Prevenção Rodoviária Portuguesa (PRP) avança com várias campanhas publicitárias onde o vinho tinto era o vilão, ele simbolizava o péssimo hábito português de ingerir enormes quantidades de álcool. Entretanto promoveu-se a cerveja e as bebidas brancas entre os jovens. As bebe-

deiras essas continuaram agora misturadas com sumo de laranja e cocacola. O consumo de tinto esse baixou. De 8 milhões de hectolitros em 82 para 5 milhões em 86. E por paradoxal que seja, os anos 90 vieram trazer profundas inquietações aos fundamentalistas antivinho tinto. É que segundo diversos especialistas, nomeadamente do I.N.S.E.R.M (Instituto Nacional de Saúde Francês), entre as várias bebidas alcoólicas, o vinho tinto é uma das menos nefastas. Eu explico: as populações mediterrânicas possuem desde há séculos uma alimentação baseada no pão, no azeite, nos vegetais, no peixe e ... em pequenas quantidades de vinho tinto. Investigações recentes levam a crer que este padrão alimentar promove uma vida saudável. O vinho tinto quando bebido no decurso de uma refeição equilibrada, em pequenas quantidades (não mais do que 125 ml - 1 copo pequeno), e por adultos, permite um balanço mais eficaz das gorduras e melhor digestibilidade dos alimentos.

Por outro lado, o facto do vinho tinto ser consumido habitualmente durante as refeições retarda a absorção de álcool, o que não se passa com outro tipo de bebidas ingeridas habitualmente em jejum e capazes de originar mesmo em pequenas quantidades níveis sanguíneos e tecidulares de álcool acima da capacidade desintoxicante. Contudo não nos iludamos. O consumo regular de álcool, mesmo em pequenas quantidades pode originar nas crianças e adolescentes, diminuição do desenvolvimento somático, limitação das capacidades mentais e afectivas, dificuldade de aprendizagem e integração social para o resto da vida. Perante este dilema que é o de evitar que os jovens

bebam regularmente, mas não o proibir de tal forma que este se torne uma tentação (e como os adolescentes adoram transgredir) o que faz a P.R.P.? Avança com uma nova campanha nos anos 90 de seu nome «E depois já era». Quem já a viu passar nos meios de comunicação social sabe certamente a que me refiro. Meus senhores o medo só assusta os pais, os adolescentes esses detestam lições de moral do género «sida é morte» ou «o álcool mata». A um jovem talvez interesse saber que o consumo regular de álcool pode contribuir para o aparecimento de acne ou obesidade. Pouco lhe interessa o facto de poder ter acrescidas possibilidades de desenvolver cancro de estômago daqui a 20 ou 30 anos. Um adolescente prefere certamente que respeitem as suas opiniões, que lhe ensinem a lidar com o stress e a insegurança, ou pura e simplesmente que lhe ensinem a dizer não e a bater o pé quando for caso disso.

Festas com álcool sempre houve e haverá, carros velozes e sangue na guelra também, mas a capacidade de discernir se é altura de dar as chaves do carro a um amigo que não bebeu ou recusar a boleia de um amigo bebido, essa terá de ser ensinada a uma nova geração de adolescentes que terá de aprender a dizer não conscientemente. Entretanto e enquanto optarmos pelo medo para lidar com os nossos jovens temo que o balão continue a fazer mais pela redução da sinistralidade alcoólica do que dezenas de campanhas bem intencionadas.

Até breve